



Estado da Paraíba
Assembleia Legislativa
Casa de Epitácio Pessoa
Gabinete da Deputada Cida Ramos

PROJETO DE RESOLUÇÃO Nº 455/2025

**CONCEDE A MEDALHA EPITÁCIO PESSOA
A LEANDRO GOMES DE BARROS (IN
MEMORIAM), PELOS RELEVANTES
SERVIÇOS PRESTADOS À SOCIEDADE
PARAIBANA.**

Art. 1º - Fica concedida a Medalha Epitácio Pessoa a Leandro Gomes de Barros (in memoriam), pelos relevantes serviços prestados à sociedade paraibana.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data da sua publicação.

Sala das Sessões, em 28 de Julho de 2025.

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Cida Ramos'.

CIDA RAMOS
Deputada Estadual

JUSTIFICATIVA

Leandro Gomes de Barros nasceu no sítio Melancias (território do município de Paulista, Paraíba), no dia 19 de novembro de 1865. Sua família (Alves, Gomes, Farias), está entre as primeiras que se fixaram na região do antigo Arraial do Paulista.

Aos 12 anos de idade, órfão de pai e impelido pela maior seca da história (1877 – 1879), migrou para a cidade de Teixeira, onde permaneceu por breve período. Migrou em seguida para Pernambuco, junto com alguns parentes. Casou-se em Ipojuca-PE, em 1893, com Venustiniana Eulália, de cuja união nasceram nove filhos.

Trabalhou em outras atividades até iniciar sua produção artística, por volta do ano de 1889. A edição e difusão de folhetos implementadas por Leandro Gomes tornar-se-ia o maior fenômeno da literatura popular do Brasil e ele seria consagrado o maior poeta popular do país.

A obra de Leandro Gomes de Barros influenciou o teatro brasileiro (Ariano Suassuna, Dias Gomes), a poesia (Ascenço Ferreira, João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade), o cinema novo brasileiro (Glauber Rocha), a ficção (Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, etc.).

Quando Leandro chegou a Vitória de Santo Antão – quando certamente também começou a frequentar Recife –, os folhetos originais das histórias europeias já eram largamente comercializados a preços módicos e conhecidos do grande público. Em 1885, os jornais do Rio de Janeiro anunciavam livros como *A História de Carlos Magno e os Doze Pares de França*, pelo valor de \$600 (seiscentos réis).

Leandro passa a criar versões em versos rimados para essas histórias. Assim, passaram a coexistir as versões em prosa e as versões poéticas, sendo necessário, muitas vezes, estampar um aviso na capa do folheto para orientar o leitor quanto ao conteúdo.

Ao iniciar a adaptação das obras de origem europeia, já tão populares, criando versões rimadas, Leandro obviamente não tinha a consciência de um estilo nascente, de criar um padrão cultural ou uma ruptura com o que existia de ordinário. Leandro apenas urdiu uma maquinação comercial, descobrindo o que modernamente se poderia chamar de um *nicho* de mercado, que lhe permitiria “ganhar a vida”, o que realmente importava.

Nada mais bem engendrado: usar seu talento poético, já muito popular naquele meio, para, apropriando-se das histórias que o povo já amava, traduzi-las para a linguagem desse mesmo povo. Pegar os clássicos do leque literário da elite e despi-los do linguajar floreado, vertendo-os em poemas de encantamento que facilmente colhem a atenção de um público humilde, ávido por qualquer bálsamo que lhe transforme a realidade e torne o real fugidivo. Esse público, enlevado, rapidamente fez ecoar aos quatro ventos o nome de

Leandro.

O humilde poeta, egresso da zona árida da Paraíba, retirante dos rescaldos da seca infernal, esfaimado e semianalfabeto, órfão de pai, de avós labregos e ignorado pelo tio importante, que o deixou à própria sorte, munido de poucas letras, somente um talento sobrenatural e uma determinação indômita o fariam brilhar.

Nessa fase inicial, muitos dos trabalhos produzidos por Leandro eram versões poéticas de clássicos da literatura europeia, festejados pelas classes abastadas, mas suas narrativas vertidas para uma linguagem popular não ganhavam notoriedade entre essas mesmas classes. Aqueles versos toscos que começavam a ecoar pelas ruas do Recife na voz hesitante, tibia e súplice de um anônimo interiorano, não induziam nenhuma reação nos encasacados; nem ao menos sua repulsa. Leandro passava despercebido aos olhos dos eruditos, afinal, quem iria dar ouvidos a algo que sequer era considerado poesia? Como um artista de rua, provavelmente ágrafo, poderia atrair a atenção dos acadêmicos metidos em seus fardões bordados a ouro? E assim permaneceria por muito tempo.

Leandro trabalhou muito e cultivou uma seara inteiramente nova, produziu uma vasta obra, vivendo nos arrabaldes, vendendo seus folhetos pelas breubas e frequentando biroscas. Tornou-se um virtuose na arte do povo, mas poucos frutos colheu de seu esforço, apenas o mínimo necessário à sua sobrevivência e da família. Nunca caminhou por terras estrangeiras, mas seus versos encantaram o mundo, soando na voz de outros gênios que propagaram seu nome e sua arte.

Leandro Gomes de Barros já era um nome que tinha eco, sobretudo junto às camadas populares em todo Leste pernambucano – inclusive Recife – naquele final do século XIX. Sua obra já não era tímida e crescia em opulência. Mas o poeta certamente conservava algumas veleidades sobre o que escrevia, o que o fazia tatear o gosto do leitor, produzindo muita diversidade de temas.

Os jornais do Recife reproduziam com grande estardalhaço as peripécias de Silvino Aires, um cangaceiro já ressabiado das caatingas que se deixara capturar, não sem antes fazer estremecerem seus inimigos, sacudindo-lhes a reputação. E o ocaso de Aires dava à luz um novo astro do cangaço que imortalizaria seu nome: Antônio Silvino.

Ver desabrochar aquela aberração, digna das telas de cinema – um bandido com ar cavalheiresco – e o encanto que isso provocava, embevecendo o imaginário popular, levou Leandro a um estalo, fazendo-o perceber que não eram somente as histórias fantásticas dos heróis europeus que enlevavam seu público. Aquela crônica da vida real, das próprias impressões que carregava desde tão jovem, também causaria êxtase. Tudo isso aliado a uma questão pessoal envolvendo desavenças com seu primo – o juiz Antônio Xavier de Farias – levaram-no a inaugurar o ciclo do cangaço em sua obra, quando passou a narrar abundantemente as façanhas de Antônio Silvino.

A argúcia de quem lidava com comércio desde a juventude, afeito às práticas mais triviais de auscultar as sutilezas do mercado, levou Leandro a adaptar as estratégias de venda de folhetos às mesmas práticas do comércio tradicional, já que, daí em diante – até o final da sua vida –, tiraria seu sustento e o de sua família, única e exclusivamente, do que ganhasse com seus folhetos. A distribuição evoluiu para uma larga escala, por pontos de venda espalhados do litoral ao sertão, de modo a atingir um público cada vez maior e mais diversificado.

Leandro firmou parcerias em diversos lugares onde os folhetos chegavam por meio dos correios, via estrada de ferro.

Os desafios de Leandro se agigantavam, forçando a adaptação para se moldar às circunstâncias; afinal, aquele negócio de folhetos era algo inventado por ele mesmo, sem que houvesse nenhum parâmetro a seguir, e essa capacidade de superação é que revela o seu espírito forte, que a tudo arrostou e consolidou.

Uma das grandes marcas de Leandro Gomes de Barros foi o seu envolvimento com a causa social, ouvindo os apelos das massas e transferindo-os em cores fortes para seus versos. Era “um poeta antenado não só com a fabulação poética, mas também preocupado com os destinos do País, com a ineficiência do governo no combate aos males sociais”, ressalta Ivone Maya.

Em muitos momentos sua obra expressava o sentimento de aguda insatisfação com o regime republicano que, após mais de 23 anos de existência, só gerava desgraça e sofrimento para o povo, escancarando a defesa dos humildes, o que talvez seja sua mais marcante idiossincrasia.

Leandro, sempre ligado à oposição pernambucana, mantinha uma postura de ator que infundia na consciência da massa popular a força da reação, mesmo que fosse pela simples ação de externar a insatisfação nos versos; aqueles poemas chegariam ao povo, seriam lidos ou cantados nas rodas familiares do interior e nas feiras dos pequenos centros. Enquanto os mandões e poderosos usavam os jornais como meio de manipulação das massas, Leandro usava sua poesia para protestar por todos os desmandos da vida social – algo inédito na sociedade, sabendo-se que, na primeira república, o povo não tinha voz. Os folhetos ecoavam como verdadeira conspiração, refletindo o pensamento das camadas mais humildes, numa época em que não era dado ao povo o privilégio de pensar.

O mercado era o lugar perfeito para a comercialização da “literatura” leandrina: livretos que contavam histórias de amores fantásticos e imorredouros; paródias sarcásticas, irônicas e cáusticas; crítica social e as últimas façanhas de Antônio Silvino – o bandido predileto.

Leandro não vivia aboletado numa sala para produzir seus trabalhos; era um andarilho dos versos, e qualquer mesa de botequim era o ateliê onde pintava a aquarela poética que lhe enviava sua musa. Galvanizado por tantas pelejas, a tudo superava com

tenacidade. Era um homem educado, mas a vida o fez adamantino; conversador impenitente, isso era uma característica que muito o auxiliava na coleta de causos para produção das suas histórias. Além de tudo, ainda era um boêmio, dado a bebedeiras e pândegas.

O Cordel foi incorporado pelo Modernismo e a viagem de Mário de Andrade ao Nordeste, entre o final de 1928 e início de 1929, pode ser considerada um divisor de águas para a difusão da cultura nordestina pelo Brasil. Os seus amigos nordestinos, com quem manteria contato pelo resto da vida, iriam abastecê-lo de tudo que era produzido pela arte popular do Nordeste. Muita gente passou a conhecer e entender bumba-meu-boi, maracatu, samba de roda, repente, cordel e outras criações populares a partir dos textos de Mário, publicados após sua viagem.

Carlos Drummond de Andrade, cuja biografia dispensa apresentação, era um consumidor tão frequente da obra de Leandro, que tinha um fornecedor de folhetos exclusivo: era Marcelino Valério de Sousa, cuja banca – na Praça da República, junto à passagem subterrânea – era diariamente visitada por Drummond.

Drummond era tão atento aos movimentos do Cordel que emprestava sua caneta e sua coluna no *Jornal do Brasil* em forte apelo durante a crise dos folhetos nos anos 1970. Nessa difícil fase do romanceiro popular, Drummond escrevera *Despedida do Cordel*, com sua aura poética flamejante, colocando sempre Leandro Gomes de Barros como figura central.

O Cordel de Leandro ganhou o mundo, e Raymond Henri Cantel – diretor do Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros da Sorbonne, em Paris, e estudioso da literatura de cordel – considerava “a mais abundante e excepcional literatura popular já existente no mundo”. O professor Raymond Cantel vinha ao Brasil com frequência, como parte de seus estudos sobre a literatura de cordel, e ministrou um curso de pós-graduação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo sobre o assunto.

Toda as vezes em que vinha ao Brasil, costumava ficar no mínimo três meses fazendo sempre um roteiro diferente, com “o objetivo de melhor conhecer a vida e os costumes daqueles que conseguiram transmitir sua alma e seus sentimentos através das poesias de cordel”. Naquele momento, a literatura de cordel parecia ter deixado de ser um produto de consumo popular para ser matéria de teses americanas e francesas. Nos Estados Unidos, na década de 1970, já havia aproximadamente dez teses sobre o assunto, e, no Instituto de Estudos Brasileiros em Paris, cinco alunos já estavam estudando a Literatura de Cordel sob ângulos sociais, econômicos e literários, segundo afirmava, naquela época, o próprio professor Raymond Cantel.

Cantel se mostrava muito bem informado sobre a nossa cultura, ao apontar a influência do cordel no teatro, na poesia e no romance brasileiro. Lembrava o teatro de Dias Gomes, sobretudo em *O Pagador de Promessas*, como o de Ariano Suassuna, em

peças como *O Auto da Compadecida* e *A Farsa da Boa Preguiça*; a poesia de Ascenso Ferreira, como a de João Cabral de Mello Neto – este, sobretudo, em *Morte e Vida Severina* – que trazem a marca indelével do cordel, sem esquecer que Carlos Drummond de Andrade afirmou que, entre todos os poetas brasileiros, da época parnasiana, ele preferia Leandro Gomes de Barros. E, no romance, Cantel não deixava de apontar alguns de nossos maiores ficcionistas como usuários do cordel, de um Guimarães Rosa a um Graciliano Ramos; de um José Lins do Rego a um Jorge Amado.

Homero Senna, escritor, jornalista e pesquisador da Academia Brasileira de Letras, assim se refere à obra de Leandro Gomes de Barros: “estudada hoje nas universidades, a poesia desse vate primitivo se presta a várias interpretações, podendo ser analisada do ponto de vista não só linguístico, mas também histórico, sociológico, antropológico, etc...”

O Auto da Compadecida foi traduzido para vários idiomas e apresentado nos palcos da Europa e das Américas, a literatura de folhetos do Nordeste ganhou o mundo. Ariano baseou cada um dos três atos da peça em um folheto diferente: o primeiro foi tirado de “*Enterro do Cachorro*” – história contida em um folheto de Leandro Gomes de Barros, intitulado *O Dinheiro* –; o segundo, da estória “*O cavalo que defecava dinheiro*”, que consta de uma edição do folheto do mesmo nome da editora Guajarina, de Belém do Pará – também de Leandro; e o último dos folhetos, de Silvino Pirauá – *O Castigo da Soberba*.

A poesia de Leandro influenciou Ariano Suassuna, o teatro de Dias Gomes (*O Pagador de Promessas*), a poesia de Ascenso Ferreira, João Cabral de Melo Neto (“Escrevi *Morte e Vida Severina* para ser lido no Mercado de São José”), Carlos Pena Filho, Mauro Mota, Audálio Alves e César Leal, e modernistas da marca de Carlos Drummond de Andrade e tantos outros, e fez-se sentir fortemente no “Cinema Novo” brasileiro, através principalmente dos filmes de Glauber Rocha como *Deus e o Diabo na Terra do Sol* – de estrondoso sucesso – e *Antônio das Mortes*. Os nossos maiores ficcionistas como Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado, foram leitores de Leandro e do Cordel.

Se o livro de Carlos Magno e os Doze Pares de França foi, em certa época, tão conhecido quanto a Bíblia Sagrada, a Batalha de Oliveiros com Ferrabraz foi o *best-seller* do povo nordestino. Só por esse folheto Leandro já merecia uma biografia.

Diante do exposto, em reconhecimento a toda a obra de Leandro Gomes de Barros, encaminhamos esta propositura para aprovação dos nobres pares no plenário dessa Casa Legislativa.

Assim, justifica-se a apresentação e aprovação deste projeto pelo Poder Legislativo Estadual da Paraíba nos termos acima mencionados.

Sala das Sessões, em 28 de Julho de 2025.

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'CIDA RAMOS', is centered on the page. The signature is written in a cursive style with a long horizontal stroke at the end.

CIDA RAMOS
Deputada Estadual